

# A solução distrital

---

Marcos Silveira\*

A população brasileira nunca esteve tão desacreditada com seus políticos quanto nos dias de hoje, principalmente com aqueles que ocupam os cargos do poder Legislativo – destaque para Deputados Federais e Deputados Estaduais. Muito desta descrença atual deve-se à dinâmica política entre representante e representados, que nunca estiveram tão distantes. Além da distância, temos a sensação de que a sociedade está indo para um lado e nossos representantes políticos, com raras exceções, vão para o sentido oposto.

Não é a toa que temos essa percepção: a razão de ser da política como representação popular foi colocada em segundo plano, em que é difícil encontrar cidadãos com orgulho de dizer que tal deputado ou vereador é de fato seu representante. O que encontramos são discursos: “Ah! É tudo igual mesmo, eu voto em qualquer um!” ou “Palhaço por palhaço, vou votar em um que já conheço!”. Na via da ficção realizamos nosso sonho reprimido e vibramos quando nosso “herói” Coronel Nascimento dá uma surra em dos nossos representantes mercenários.

Mas no cotidiano civil, milhares de cidadãos comuns, minimamente preocupados e conscientes, necessitam garimpar um representante “menos pior” na hora de escolher seu voto entre uma infinidade de ex-BBBs, ex-palhaços, ex-pugilistas, ex-jogadores de futebol, mulheres frutas, dançarinas (modelo/atriz, “telefone de contato”), pastores, apóstolos, missionários evangélicos ou familiares de figuras políticas já ultrapassadas.

Cabe aqui uma observação que estes verdadeiros heróis individuais acabam realizando sua escolha na última semana, pois o dia-a-dia não permite que haja fôlego para tomar sua decisão de uma forma tranqüila. O que ocupa a cabeça é o trabalho corrido e sofrido, que no final do mês o governo lhe recolhe 27,5% de seu salário, são as contas do seguro saúde e da mensalidade da escola, já que a saúde e a escola pública não funcionam, é transporte urbano que está paralisado em trânsito caótico e é o videogame da filha para o dia das crianças, em que 70% do preço é composto por tributos. Ou seja, o que sufoca é gerado e imposto por seus “menos piores” representantes.

Assim o diagnóstico é claro: a discussão pauta-se na qualidade, a qualidade representativa, uma vez que classificamos os melhores da oferta em os “menos piores”.

Mas, o que acontece em nossa sociedade para termos candidatos de tão baixa qualidade, já que qualquer alfabetizado pode concorrer a um cargo de representante? A teoria é bonita, mas a prática é bem diferente. Nos moldes atuais é preciso de muito dinheiro (caixa 1 e caixa 2) para realizar uma candidatura. Em termos econômicos, o alto volume de capital é a barreira de entrada para um novo entrante. Assim, verdadeiras lideranças locais desistem de se candidatar por não terem chances reais de vitória neste caríssimo sistema.

Para se ter idéia do tamanho desta barreira financeira, segundo reportagem de 29/09/2010 do Valor Econômico<sup>i</sup>, o custo formal (caixa 1) de uma candidatura para deputado federal gira em torno de R\$ 1,6 milhão a R\$ 6 milhões. Em um país em que a renda domiciliar per capita mensal é de R\$ 705,72<sup>ii</sup>, um brasileiro comum levaria 189 anos para que levantar o mínimo de R\$ 1,6 milhão e ter chances reais de concorrer uma cadeira no congresso nacional. Mas, caso consiga fazer um grande trabalho de captação de recursos, ele precisaria convencer 189 brasileiros comuns a passarem fome por durante um ano e doarem todos os 12 rendimentos mensais para sua campanha.

A mesma reportagem faz uma estimativa da soma total dos gastos formais de campanha (caixa 1) para a maior parte dos candidatos a deputado federal, precisamente 3.380 dos 6.028 concorrentes. Somente esta fatia soma R\$ 11,946 bilhões, sem contar o dinheiro do caixa 2 e os 2.648 deputados restantes. Esta quantia, quando comparada com o PIB brasileiro de 2009<sup>iii</sup>, representa 0,38% do PIB. Agora, imagine se investimento público em educação sofresse esse incremento e passasse dos atuais de 5% do PIB em 2009<sup>iv</sup> para 5,38%?

Ou seja, no atual modelo, eleição é negócio e democracia vira plutocracia (do grego ploutos: riqueza; kratos: poder).

Mas há uma solução que pode alterar essa realidade: o voto distrital para as eleições de cargos legislativos. Nesse modelo cada Estado é dividido em pequenos distritos e cada distrito elege um único representante pela maioria dos votos. A divisão distrital é feita com base na distribuição demográfica da população, assim os distritos podem variar em relação ao seu tamanho, porém o número de eleitores de cada distrito é mantido igual.

Com o voto distrital há uma redução do campo geográfico de uma eleição para deputados, gerando uma aproximação do representante e representado. Além da aproximação, com o voto distrital há a possibilidade de que candidatos não filiados a partidos possam se candidatar a um cargo de deputado. Ou seja, a barreira de entrada institucional e financeira para novos candidatos é reduzida bruscamente, pois além de possibilitar a não obrigatoriedade da filiação partidária, o custo para uma campanha em um distrito é muito menor do que para todo um estado.

Campanhas em áreas menores e mais baratas abrem espaço para candidatos com poucos recursos financeiros e para um discurso bem mais próximo do cidadão. Um líder comunitário, por exemplo, poderá captar recursos em sua comunidade para sua campanha, com chances reais de vencer. O acesso à política ficará maior e ganhará em qualidade, pois forçará a aproximação política e o empoderamento de cada cidadão.

Infelizmente, não há dúvidas que o sistema atual exige sem demora a adoção de medidas. Chegamos ao limite. A situação não é comparável a nenhuma outra do passado. Temos que revolucionar a nossa forma de pensar, precisamos de coragem para resgatar a relação democrática, temos que agir!

Os chavões de outra hora já não funcionam nos dias de hoje e estão irremediavelmente ultrapassados. Tornar isso claro para todo o Brasil é a mais importante função social que

alguma vez pendeu sobre os brasileiros. E, agora que há uma solução sólida e testada em outros países, terá a sociedade coragem de superar sua inércia e defender o voto distrital?

Para tal é necessário um esforço tremendo. Se esse esforço falha neste momento, perderemos as janelas de oportunidades que se abrem para nosso país. O tempo escasseia terrivelmente. Se quisermos agir, tem que ser agora: Eu voto distrital, pois quero todo o poder ao cidadão.

---

<sup>i</sup> <http://www.valoronline.com.br/impresso/especial/101/315576/campanha-vai-custar-o-dobro-da-de-2006>

<sup>ii</sup> PNAD 2009

<sup>iii</sup> R\$ 3,143 trilhões (IBGE 2010)

<sup>iv</sup> MEC 2010

\*Marcos Silveira é formado em Administração Pública pela FGV-SP e consultor em gestão.